

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
KONRAD WOLF
20 de Maio de 2025

DER GETEILTE HIMMEL / 1964
("O Céu Dividido")

Um filme de Konrad Wolf

Realização: Konrad Wolf / Argumento: Kurt Barthel, Willi Bruckner, Gerhard Wolf e Konrad Wolf, baseado numa adaptação de Christa Wolf do seu próprio romance *Der Geteilte Himmel* / Direcção de Fotografia: Werner Bergmann / Direcção Artística: Alfred Hirschmeier / Guarda-Roupa: Dorit Gründel / Música: Hans-Dieter Hosalla / Som: Konrad Walle / Montagem: Helga Krause / Interpretação: Renate Blume (Rita Seidel), Eberhard Esche (Manfred Herrfurth), Hans Hardt-Hardtloff (Meternagel), Hilmar Thate (Ernst Wendland), Martin Flörchinger (Herrfurth), Erika Pelikowsky (senhora Herrfurth), Günther Grabbert (Ernst Schwarzenbach), Horst Jonischkan (Martin Jung), Petra Kelling (Sigrid), Jurgen Kern, Horst Weinheimer, Hans-Joachim Hanisch, etc.

Produção: DEFA / Cópia em 35mm, preto e branco, falada em alemão com legendagem electrónica em português / Duração: 116 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Uma das principais preocupações do cinema alemão-oriental, e uma preocupação "cultural" que obviamente não se restringia ao campo cinematográfico, durante os anos 50 e princípios dos anos 60, consistia na criação e definição de uma "identidade". Uma identidade alemã-oriental, que justificasse o regime, certamente, mas que também funcionasse a outro plano e tornasse a divisão das Alemanhas em algo mais do que o resultado de circunstâncias históricas. Assim validando, muito para além dos aspectos fortuitos (pois, para tanta gente, ser "alemão ocidental" ou "alemão oriental" relevou do puro acaso), a RDA, e a permanência na RDA, como produto de uma *escolha* e não de uma mera aceitação. É um tema que cruza vários filmes orientais dos anos 1950 (como o **Berliner Romanze** de Gerhard Klein, para falar de um dos mais conhecidos), e que se acentuou, naturalmente, à medida que se acentuavam as diferenças (e as barreiras) entre a RDA e a RFA.

São filmes que, mesmo se o ponto de chegada era inevitável (a RDA como escolha), trabalhavam a dúvida, a hesitação e mesmo uma certa duplicidade (sentimental e/ou intelectual, talvez até ideológica), como sua matéria principal. Talvez seja isto o que nos surpreende mais nestes filmes, já que normalmente a propaganda (e toda a produção da DEFA, de modo mais ou menos saliente, tinha um fundo propagandístico) se faz com certezas. E é o espaço que ainda há para essa dúvida e para essa hesitação aquilo que mais nos surpreende em **Der Geteilte Himmel**, tanto mais que se trata de um filme realizado três anos depois da construção do Muro (e portanto da ruptura total ou quase total entre as duas Alemanhas), e tanto mais, ainda, por ele ter sido realizado por um

cinasta, Konrad Wolf, cuja fidelidade ao regime era absoluta (foi presidente da Academia das Artes da RDA entre 1965 e a sua morte, em 1982, e para muitos o mais parecido que houve, na Alemanha do leste, com um “artista oficial”). Este estado de coisas – esta relativa liberdade para trabalhar a *dúvida* – fazia os vigilantes ideológicos do regime torcerem o nariz, e que em 1965 se realizou um congresso do SED (o Partido Socialista Alemão Unificado, o partido de estado na RDA) que teve entre as suas preocupações fundamentais delinear algumas “regras” a seguir pela produção cinematográfica, alinhando-a com a ortodoxia e o maniqueísmo do regime. A partir de 1965, ou o cinema da RDA tratava de assuntos corriqueiros ou, tratando de assuntos “importantes”, estava obrigado a reproduzir a visão e as certezas da propaganda oficial.

Der Geteilte Himmel foi portanto um dos últimos filmes a gozar de uma certa liberdade no tratamento da divisão alemã (e paradoxalmente, tratando-se de um filme de Wolf, um dos últimos argumentos para que o SED realizasse o seu plenário sobre o cinema). Tendo visto o filme sem legendas, e passando pelos diálogos uma parte muito substancial do que é importante em **Der Geteilte Himmel**, não estamos habilitados (deficiências por agora insanáveis no entendimento do alemão falado) a discutir os meandros e as subtilezas ideológicas com que aqui se chega à escolha de um dos lados debaixo do “céu dividido” (a não ser dizer que essa escolha é, ou parece ser, nos planos finais, visualmente expressiva). Notaremos apenas que, como noutros casos, a divisão é encarada e transportada para o plano pessoal e para os afectos – trata-se, mais uma vez, de sobrepor escolhas políticas a escolhas afectivas e sentimentais (o “casal dividido” é uma figura recorrente no cinema da RDA deste período).

Notaremos ainda que, se muitos cineastas da RDA se reclamavam de Rossellini e da sua lição neo-realista, o filme de Wolf aparentemente confirma que na Alemanha Oriental se estava a par dos alvares da chamada “modernidade” cinematográfica – mais uma vez encontramos, em **Der Geteilte Himmel**, sinais de um parentesco, nem por isso extraordinariamente remoto, com o “novo cinema” que em 50/60 se ia fazendo, a leste (os checos, os polacos) e a oeste (a “nouvelle vague”, e Wolf teria mesmo tomado o **Hiroshima Mon Amour** de Resnais como inspiração, ou o “free cinema” britânico).

Finalmente, uma última nota. No seu retrato do “céu sobre Berlim” (**Der Himmel uber Berlim**), o mesmo “céu dividido” deste filme, Wim Wenders parece responder, naqueles planos aéreos que frequentemente são perfeitos “plongés” sobre Berlim, aos “contre-plongés” com que, aqui, Konrad Wolf, apontou a câmara ao “céu sobre Berlim”.

Luís Miguel Oliveira

(Texto redigido em 2009, por ocasião de uma exibição do filme no ciclo “Os 1000 Rostos de Berlim”, e reproduzido com mínimas alterações contextuais).